



STVDIA LUSITANA

5

Castelo da Lousa—Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002

Jorge de Alarcão, Pedro C. Carvalho, Ana Gonçalves (Coord.)



Studia Lusitana

1. M. P. REIS

Las termas y balnea romanos de Lusitania.
Mérida, 2004

2. L. J. RODRIGUES GONÇALVES

Escultura romana em Portugal: Uma arte do quotidiano.
Mérida, 2007

3. F. TEICHNER

Entre tierra y mar / Zwischen Land und Meer
Mérida, 2008

4. T. NOGALES BASARRATE (ED.)

Ciudad y Foro en Lusitania Romana/Cidade e Foro na Lusitânia Romana.
Mérida, 2009

5. J. DE ALARCÃO; P.C. CARVALHO; A. GONÇALVES (COORD.)

Castelo da Lousa. Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002.
Mérida, 2010

6. V. GIL MANTAS

Vías romanas de Lusitania (en preparación)

7. A. DE MAN

Defesas Urbanas Tardias da Lusitânia (en preparación)

Ficha técnica

Coordinación: María José Pérez del Castillo y Eugenia López González

Diseño: Ceferino López

El texto y las opiniones de este volumen son responsabilidad de los autores.

Esta publicación se intercambia por otras similares de todos los países con el fin de potenciar la Biblioteca del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.

Para intercambios y suscripciones:

Museo Nacional de Arte Romano
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
mnar@mcu.es

Pedido de libros:

Asociación Amigos del Museo:
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
tienda@amigosmuseoromano.org
y a través de: <http://museoarteromano.mcu.es/>

Adquisiciones:

Pórtico Librerías, S.A.
Muñoz Seca, 6
50005 Zaragoza - España
www.porticolibrerias.es

ISBN: 978-84-613-6385-8

Depósito legal: BA-297-2010

Maquetación e Impresión: Artes Gráficas Rejas (Mérida)



JUNTA DE EXTREMADURA
Vicepresidencia Segunda, Consejería de Economía,
Comercio e Innovación
Dirección General de Universidad y Tecnología



Proyecto PRI06B286

Foros Romanos de Extremadura. Análisis y Difusión del Patrimonio Extremeño.
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura

Proyecto PRI09A140

Arte Romano en Extremadura I. Creación de modelos en el occidente hispano.
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto HAR2009-08727

Programas decorativos en Lusitania romana: origen y evolución.
Ministerio de Ciencia e Innovación.

Capítulo 7.7 – Grafitos

José d' Encarnação

1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, os grafitos passaram despercebidos – ou não se lhes ligou grande importância – no âmbito do estudo das cerâmicas, nomeadamente no caso das cerâmicas comuns. Interessavam mais as marcas de oleiro, pela importância que detinham para se detectarem correntes comerciais, influências de determinadas oficinas...

Entre nós, coube à equipa luso-francesa que escavou Conímbriga publicar, pela primeira vez, de forma sistemática, no volume II das *Fouilles de Conimbriga* (ÉTIENNE *et alii*, 1976), dedicado precisamente aos testemunhos epigráficos, os grafitos encontrados naquela cidade. Daí por diante – quiçá por influência também dos *grafittis* que começaram a ‘ilustrar’ os muros das nossas cidades... – os grafitos passaram a fazer parte do estudo normal de um conjunto cerâmico, pois que depressa se aperceberam os investigadores que, para além de simples marcas identificativas, amiúde outros dados mais relevantes se poderiam encontrar, designadamente no que concerne à observação de um quotidiano vivido, por vezes sub-repticiamente vivido, pessoal, longe de olhares indiscretos, mensagens só perceptíveis pelos destinatários precisos (Cf. ENCARNAÇÃO, 1998: capítulo «Instantâneos de um quotidiano fugaz»).

Os grafitos do castelo da Lousa não serão, neste aspecto, deveras elucidativos. No entanto, não deixará de ser curioso ‘espreitarmos’ o que eles nos dizem.

2. DESCRIÇÃO

Catálogo: Ests. CXLVII-CLX

- 1 - **Nº Inv. 4657 e 4651**, bordo de pote de cerâmica comum da forma B19, dm 18 cm, fabrico in-caract., superfície exterior bem alisada, quase polida, bandas horizontais de pintura vermelha escura 10R 3/4, complexo 976 e 977.

Localização do grafito: No colo.

Leitura: [...] [?]AN(ve/ AV)CI TVCI IIX

Altura das letras: 0,9 / 1,2

Comentário paleográfico: É bem provável que falte o início do texto. Mais do que um N bastante inclinado para diante, o nexa NA ou NV será mais provável. O I termina inferiormente com uma

breve haste para a direita, que não pode, porém, interpretar-se como L; o T ostenta uma barra muito prolongada que encima as duas letras seguintes, a denotar o lançamento da mão ao gravar, o mesmo sucedendo com o C cuja parte superior acaba por tocar no I, também ele com o ligeiro traço no vértice inferior. Os dois II seguintes não parecem oferecer dúvida, interpretáveis, inclusive, como E. Do X vê-se apenas a metade inferior, mas reconstitui-se sem dúvidas.

Interpretação: Dúvidas há, contudo, no que concerne à eventual possibilidade de interpretação do letreiro. A existência de um *Flavius Tucus*, dono de uma oficina lapidar em Conímbriga (Cf. ÉTIENNE *et alii*, 1976: nº 21. AE 1975 481), incita-nos, no entanto, a ousar uma proposta que vale pelo que vale: *Anci Tuci(i) ex [officina]*, «da oficina de Anco Túcio». *Ancus* é um *praenomen* de prístina tradição¹; *Tucius*, por seu turno, não seria *nomen* desconhecido na Península, mesmo nos alvares da época romana. Conta Norbert Rouland² que Marcial (c. 40 – c. 104) «met ainsi en scène un certain *Tuccius*, originaire d’Espagne, venu à Rome dans l’espoir d’y trouver un patron qui le nourrisse». Nome de uma vestal, nome de um regato afluente do Tibre, entre outros, é antropónimo ligado mais à Península Itálica do que à Ibérica³.

Datação: A estar correcta a nossa interpretação, dado o teor dos antropónimos, situar-nos-íamos no dealbar da ocupação romana.

- 2 - **Nº Inv. 4671**, bordo de talha de cerâmica comum da forma 1a, dm 30 cm, fabrico M2, complexo 950.

Localização do grafito: Na parte superior, bem perto da boca.

Leitura: A · CA [...] / AND[...] / N

Altura das letras: l. 1 e 2: 1.

Espaços interlineares: 2: 0,2; 3: 0,7.

Comentário paleográfico: Escrita inclinada para a esquerda, ponto circular. Caracteres bem desenhados, cuidadosamente grafados antes da cozedura, com estilete adequado, duma só vez. C feito dum só movimento; A e N com prolongamentos das hastes nos vértices.

Interpretação: Verosimilmente, uma identificação com os *tria nomina* – A(*ulus*) · CA[ECILIVS?] / AND[eron?] – quiçá do proprietário, a que segue, num outro registo, uma informação “técnica”: sobre o conteúdo do recipiente? Destinatário?

Datação: Pela paleografia, uma inscrição dos inícios do século I d. C. ou mesmo de finais do antecedente.

- 3 - **Nº Inv. 4654 e 4655**, bordo de pote de cerâmica comum da forma B9, dm 17 cm, fabrico M2, complexo 1117.

Localização do grafito: Na parte superior, junto à dobra do colo.

Leitura: C · IVL ·

Altura das letras: 1.

Comentário paleográfico: Cuidadosamente gravado, com estilete de ponta fina, à mão levantada. C muito lançado, mormente na sua parte superior; I com ‘apêndice’ final inferior. Pontuação li-

¹ Recorde-se o nome do rei Anco Márcio.

² Rome, *Démocratie Impossible?*, Le Paradou, 1981, p. 273.

³ Registe-se *Tuccius Narc[issus?]*, de Alcalá del Río (Sevilha), que faz uma dedicatória a Prosérpina (AE 1982, 503).

geiramente abaixo da linha média das letras. A fractura ocorreu em sítio onde não nos é possível garantir se teria existido qualquer letra.

Interpretação: C(aii) IVL(ii), «de Gaio Júlio» – identificação do proprietário ou, de preferência, do produtor.

- 4 - **Nº Inv. 4417**, tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 18 cm, fabrico M2, bordo enfumado e mancha no fundo, talvez da cozedura, complexo 132.

Localização do grafito: Na parte inferior externa do bojo, gravado invertido à sua posição normal. Dir-se-ia que o lapicida pegou na peça já seca, mas antes de ir para o forno e cuidadosamente, emborcando-a numa das mãos, com a outra fez a gravação.

Leitura: C · [?] IV[L?] BRO

Altura das letras: B e R = 0,9; O = 0,8.

Comentário paleográfico: O C reconstitui-se sem dificuldade e apresentar-se-á um pouco maior que as demais letras certamente para indicar o começo do 'texto'. O facto de haver algum espaço e, até, se poder vislumbrar um ponto a seguir, leva a supor que teremos a habitual abreviatura de IVL(*ius*); de facto, I e V reconstituem-se bem (a fractura levou apenas cerca de metade) e a haste de que nos restam apenas 2 mm será, certamente, inclusive pela sua ligeira inclinação para trás, pertença de um L. A letra seguinte – ainda que muito idêntica à que lhe vem após – dela se distingue pela terminação inferior: a perna curva para dentro e há um rasgo oblíquo a completar, pelo que optamos por um B, enquanto o R está nítido, com um traço a acentuar (digamos assim) o vértice inferior da haste vertical. O ovalado, gravado em dois movimentos (como é de uso).

Interpretação: BRO não será, por isso, a terminação de um antropónimo em dativo, mas o começo do *cognomen* da pessoa aqui identificada. Carecemos, evidentemente, de outros casos análogos para justificar a nossa hipótese, mas se os dois primeiros nomes não nos oferecem dúvidas consistentes, antropónimos começados por *Bro* são muito poucos em latim. Consultando Kajanto (1965: 238), encontramos *Brocchus*, de teor bem republicano, pois assim se designou um senador da época de Cícero e vários outros senadores; no conjunto do CIL registam-se apenas 27 testemunhos e, na Península Ibérica, a darmos crédito à pesquisa de Abascal Palazón (1994: 305)⁴, são apenas quatro os exemplos registados: em Cástulo, Cádiz, Calahorra e Sevilha. Poderá ser o proprietário do vaso.

Datação: Atendendo à onomástica, data da época de Caio Júlio César.

- 5 - **Nº Inv. 4664**, bordo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 19 cm, fabrico J1, peça sobrecozida, manchas negras irregulares no bordo, polimento em bandas irregulares, Sector 1, UE [8].

Localização do grafito: Na parede exterior, junto ao rebordo superior.

Leitura: TOV

Altura das letras: T = 3,5; O = 4,2; V = 4,5 (?).

Comentário paleográfico: Gravado com estilete fino, de mão levantada (daí as suas características cursivas), antes da cozedura. No T gravou-se primeiro a haste vertical e depois a horizontal,

⁴ Acrescentaríamos C(aius) Cornelius / C(aii) f(ilius) Gal(eria) Brocchus, registado em Linares – Cazlona, Jaén (CIL II 3293).

cortando a outra quase no vértice; o O gravado em dois movimentos, ficando, assim, com a forma ovalada, também com pouco rigor no toque dos vértices (os dois fragmentos colam precisamente ao nível do O); V muito largo.

Interpretação: Seríamos tentados a ver na sigla as iniciais dos *tria nomina* do proprietário do vaso; nesse caso, T era o *praenomen Titus*; O designaria o gentílico (*Octavius?*); V, o *cognomen (Valens, Victor...)*. A hipótese de nome único levar-nos-ia apenas para um antropónimo de raiz pré-romana (*Toutonus*, por exemplo), que não se coaduna com o contexto.

- 6 - Nº Inv. 4662, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico M2, Sector 1, UE [7].

Localização do grafito: Difícil de precisar, dada a exiguidade do fragmento.

Leitura: [...]ONI[...]

Altura das letras: 2,5.

Comentário paleográfico: Gravação profunda, feita com a pasta ainda mole. O O reconstitui-se bem, ainda que dele só nos reste menos de metade. A palavra poderia continuar para a direita.

Interpretação: Indicaria o nome do proprietário do lote.

- 7 - Nº Inv. 4669, bordo de pote de cerâmica comum da forma rara 16, dm 16,5 cm, fabrico S3, complexo 964.

Localização do grafito : Na parte superior.

Leitura: O[?] NI

Altura das letras: 2.

Comentário paleográfico: Gravado com alguma profundidade, com estilete de ponta grossa, quando a pasta ainda estava fresca. Do possível O temos apenas a parte superior. Pelo espaço que medeia entre essa letra e o N poderemos estar em presença de duas 'palavras'.

Interpretação: Identificação do produtor?

- 8 - Nº Inv. 4680, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico M2, complexo 801.

Localização do grafito: Na parte superior, junto ao arranque do colo.

Leitura: [...] C · CT[...]

Altura das letras: 2,5.

Comentário paleográfico: Há, pelo menos, uma letra antes do C, cujo rebordo se vê na fractura: poderia ser a pança superior de um P. Ponto profundo e circular. Na gravação do segundo C se nota como era aguçado o estilete, pois dá um corte em bisel. A letra seguinte é interpretável como um T, atendendo ao lançamento da base horizontal superior; também poderia ser um I, dada a forma cursiva como o traçado se apresenta; contudo, tendo desaparecido a parte de baixo, não se pode garantir uma opção.

Interpretação: Indicia estarmos perante a identificação do proprietário do lote.

- 9 - Nº Inv. 4679, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, forma indeterminada, fabrico M2, complexo 705.

Localização do grafito: Na parte exterior? (O fragmento é demasiadamente pequeno para se ter uma ideia exacta).

Leitura: [...] / V[?]T

Altura das letras: T = 2.

Comentário paleográfico: A pequenez do fragmento e os maus tratos a que foi sujeito impedem-nos de dar uma garantia sequer da sua orientação segura. Optámos por ler T, por nos parecer bastante óbvio ser larga de mais a barra para se tratar de um vértice ‘sublinhado’; nesse caso, a letra que o antecede, afigura-se-nos ser um V muito aberto e cursivo, impondo-se uma linha sinuosa no seu traçado. O sulco sobre o T poderá indicar a existência de uma linha superior. Gração funda, com estilete de ponta grossa, podendo ter sido feita após a cozedura.

Interpretação: Torna-se-nos arriscado aventar qualquer hipótese.

10 - Nº Inv. 5831, bordo de terrina de cerâmica comum da forma rara 18, grande dm ind., fabrico I2, Sector 1, UE [7].

Localização do grafito: Na parte superior, junto ao arranque da curvatura do colo.

Leitura: [...] P [ve/R] R

Altura das letras: 1,5.

Comentário paleográfico: Nota-se na fractura parte da pança superior de uma letra, que pode ser B ou P. O desgaste torna difícil a opção por um R ou por um P, ainda que este último se nos afigure mais plausível, atendendo a que a perna do R – se igual à do seguinte – seria recta e mais lançada. O R está bem grafado, com estilete de ponta fina, antes da cozedura. Nota-se que houve cuidado, inclusive na ‘paginação’, visível na regularidade dos caracteres.

Interpretação: A possibilidade de serem as siglas dos *tria nomina* do proprietário não é despendiosa.

11 - Nº Inv. 5833, bordo de alguidar de cerâmica comum da forma 3, dm 19 cm, fabrico M3, bordo exterior escurecido, engobe acinzentado mal conservado (?), complexo 421.

Localização do grafito: Na parte exterior, imediatamente abaixo do debrum.

Leitura: AE

Altura das letras: (1,8).

Comentário paleográfico: Gravado com estilete fino, à mão levantada – denunciada pelo irregular do traçado – antes da cozedura. A esguio e sem travessão; E de barras amplas.

Interpretação: Pode ser o início de um antropónimo, que identificaria o proprietário do lote.

12 - Nº Inv. 2034 (Cap. 7. 1 – peça nº 35), fundo de píxide campaniense, F 7553, produção B-óide, UE 1 da sondagem 1.

Localização do grafito: Na parte exterior da base, descentrado, sem preocupação de respeitar as linhas circulares que ornamentam o pé, pois que o G passa sobre elas; o A respeita-as, porém. Seríamos tentados a ver um ponto circular sobre o vértice do A; mas trata-se do centro do vaso.

Leitura: AG

Altura das letras: A = 2; G = 2,1.

Comentário paleográfico: Feito após a cozedura, com punção e auxílio de régua. Como a fractura ocorreu imediatamente antes do A (de que, aliás, levou a parte inferior da haste esquerda do A) não se pode garantir a inexistência de mais uma letra antes. A muito aberto, simétrico e geometricamente delineado; o G executado com dois movimentos: o primeiro a fazer o C e o segundo a perna vertical, curta.

Interpretação: Considerando-o completo, estaremos, seguramente, em presença da sigla do proprietário.

- 13 - Nº Inv. 4672**, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico G2, complexo 822.
Localização do grafito: No bojo.
Leitura: AI
Altura das letras: A = 2,5; I = 2.
Comentário paleográfico: Não se tocam no vértice as hastes do A, cujo travessão é oblíquo, descendo da haste da direita. Gravação antes da cozedura, com estilete fino.
Interpretação: Identificação do proprietário do lote?
- 14 - Nº Inv. 4676**, fragmento de bojo de talha de cerâmica comum, fabrico H2, complexo 539.
Localização do grafito: Na face exterior.
Leitura: [...] [(?)RO
Altura das letras: O = (3,5).
Comentário paleográfico: Gravação bem profunda, antes da cozedura, com estilete de ponta aguçada. Partiu pela haste vertical do R; a curvatura e a perna foram feitas dum só movimento, não tocando na referida haste vertical. O oblongo, feito em dois movimentos, não se tocando as duas metades.
Interpretação: Afigura-se-nos arriscado sugerir uma, atendendo a que podemos estar perante o final de uma palavra, dada a relativa 'imponência' e, até, 'beleza' das letras. Há antropónimos relacionáveis: *Caturo*, por exemplo. Para identificar o conteúdo do recipiente, usar-se-ia uma letra mais cursiva; aqui, será mesmo a 'marca' de posse, vendo-se aí, preferentemente, um antropónimo.
- 15 – Nº Inv. 8666**, bordo de bojo de cerâmica comum da forma B13, fabrico 3, escavações antigas, marcado *Castelo Lousa /13-9-68*.
Localização do grafito: Na face exterior.
Leitura: TVRIA
Altura das letras: 1,2/1,4.
Comentário paleográfico: Gravação pouco funda pós-cozedura. Trata-se de uma escrita cursiva, feita com estilete fino, de mão levantada. Os traços não chegam a tocar-se para formar os vértices das letras, inclusive a habitual curvatura do R mais parece uma linha quebrada; a barra do T manifesta bem o estilo de cursividade que modelou a palavra, pois, além de não tocar na haste vertical, está descaída para diante. A seguir ao I há o arranque de uma letra que, pela inclinação, não pode deixar de ser um A. Assim, ler-se-ia TVRIA – não nos sendo possível garantir se existiria um E em seguida, a dar o que seria mais comum: o genitivo TVRIAE, para significar que o vaso se destinava «a Túria» ou era «de Túria». *Turius* é um *nomen* latino que outras vezes se documenta na Península Ibérica, embora não atinja a dezena de testemunhos. Terá sido precocemente adoptado pelos indígenas como nome único, pois que também nessa condição se atesta, por duas vezes.
Interpretação: Este grafito insere-se, pois, na série que identifica o proprietário; neste caso, não de um lote, mas verosimilmente, de preferência, apenas daquela peça. A paleografia não permite adiantar nenhuma datação.
- 16 - Nº Inv. 6704**, fragmento de bojo de cerâmica comum, grande dm, fabrico K3, complexo 950.
Localização do grafito: Na superfície exterior.

Leitura: O? [ve/ C?]

Altura da letra: (2,8).

Comentário paleográfico: Parte de um eventual O ou C. A fractura ocorreu a menos de meio da letra, de modo que se torna impossível identificá-la. Gravado com alguma profundidade e cuidado, antes da cozedura, com estilete aguçado.

Interpretação: Não parece viável adiantar qualquer hipótese de interpretação.

17 - Nº Inv. 4661, fragmento de bojo de talha (?) de cerâmica comum, fabrico M2, Sector 1, UE [1].

Localização do grafito: No bojo, pouco abaixo do arranque do debrum.

Leitura: I · P · L

Altura das letras: 0,9.

Comentário paleográfico: Gravação cuidada, feita com estilete de ponta fina, antes da cozedura. Pontos circulares; P aberto, L ligeiramente oblíquo.

Interpretação: Identificará, seguramente, o proprietário da peça ou do lote a que pertence. Seríamos tentados a ver aí as siglas dos *tria nomina*; mas não se conhece *praenomen* começado por I, mesmo entre os menos usados. Considerar L um numeral e, conseqüentemente, P a sigla de algo como *p(ondus)*, «peso», constituiria igualmente hipótese aliciante. É, seguramente, dos grafitos do castelo da Lousa, um dos que mais perspectivas de interpretação poderá vir a desencadear, não obstante a sua aparente simplicidade.

18 - Nº Inv. 4648, fundo de pote de cerâmica comum da forma 1, dm 10 cm, fabrico H2, polimento em bandas no exterior, complexo 978.

Localização do grafito: Na parte exterior da base, na sua parte central, ainda que sem qualquer preocupação de estética na sua localização.

Leitura: ALLII, «de Álio».

Altura das letras: 1 (I = 2).

Comentário paleográfico: Gravado com certo cuidado na paleografia, obedecendo às características das letras quadradas. Sulco arredondado. O A tem barra transversal muito ténue; os dois II estão um no prolongamento do outro, obliquamente, dando ‘personalidade’ à palavra. Sob ela, dois semicírculos abrindo um para cada lado; a possibilidade de se verem aí duas letras (D – ou O – e C) afigura-se-nos remota, por obedecerem a um *ductus* completamente diverso da palavra que lhes está acima, parecendo-nos mais um elemento decorativo ou identificador de lote ou signo do produtor.

Interpretação: *Allius* é gentilício bem documentado na epigrafia peninsular. Estamos perante um genitivo de posse e o facto de termos um *nomen* e não um *cognomen* não é de admirar, pois nos encontramos nos primórdios da romanidade.

19 - Nº Inv. 4683, bordo de talha de cerâmica comum da forma 1b, dm 32 cm, fabrico I2, complexo 831.

Localização do grafito: No bojo.

Leitura: TIII[L vel C?)]IO

Altura das letras: T e I = 2,5 (uma regularidade mais espontânea que voluntária); O = 1,7.

Comentário paleográfico: Feito já com a pasta quase seca, imediatamente antes da cozedura ou mesmo já depois, com estilete fino e sem quaisquer preocupações estéticas. A fractura ocorreu

a nível do próprio grafito, não sendo possível garantir se, a esse nível, teria existido um C, de que parece ver-se (pela patine) a curvatura superior; ou, mais provável, a barra inferior de um L. T de barra minúscula; I «ao correr do estilete», ondulado; L amplo; O feito com dois movimentos descendentes, um de cada lado, naturalmente irregular por isso.

Interpretação: Nesse caso, ler-se-ia TIIILIO (= *Telio*), dativo de um vocábulo não documentado, mas que – por não parecer antropónimo – poderá ter alguma relação com *tellus* (a terra) ou – hipótese mais aliciante... – com *telis*, feno grego, de que se extrai um perfume, o *telinum*.

- 20 - Nº Inv. 4660, bordo de tigela de cerâmica comum, imitação de cerâmica campaniense de forma Morel 2610, dm 15 cm, fabrico T2, superfície rugosa, complexo 74.

Localização do grafito: No bojo.

Leitura: [...?] X IIT I

Altura das letras: 0,7 (último signo = 2?).

Comentário paleográfico: Gravação mui ténue (após a cozedura?). A primeira letra visível parece um X, mas também poderíamos interpretá-la como um L em jeito de lambda. T de barra levemente ondulada. A seguir, ainda que desgarrado dos demais, um traço vertical interpretável também como I, mas que parece vir até abaixo, bifurcando-se sensivelmente a meio.

Interpretação: Não ousamos adiantar nenhuma.

- 21 - Nº Inv. 7087, fragmento de bojo de cerâmica comum, fabrico M2, complexo 523.

Localização do grafito:

Leitura: [...]IO[...]

Comentário paleográfico: Com 1,8 cm de altura, a letra foi grafada em dois movimentos, com ponta larga, em jeito de dois C afrontados que se não tocam. O fragmento partiu, do lado esquerdo, pelo traço vertical de uma letra, que, à primeira vista, parece ser L mas que também poderá ser a haste de um N. Também do lado direito dá impressão de a fractura ter ocorrido ao nível de uma letra curva (C?).

Interpretação: Se considerarmos a profundidade da gravação – feita antes da cozedura – e a possibilidade de termos três letras, estaríamos em presença dos *tria nomina* do proprietário do lote, de que esta poderia ser a primeira peça identificativa.

- 22 - Nº Inv. 4673, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico G2, complexo 452.

Localização do grafito: No bojo?

Leitura: f ccc

Altura das letras: f = 3,5; c = 2,1.

Comentário paleográfico: Gravado com estilete de ponta romba. Caracteres cursivos, minúsculos (se considerarmos, sobretudo, a forma do f, bem lançado). A seguir ao 3º C, há um ponto.

Interpretação: Sendo os três CCC, sem dúvida, um numeral, F pode considerar-se a sigla de uma forma verbal. Seríamos, pois, tentados a interpretar: f(*eci*) CCC (*trecenti*), «fiz trezentos», fórmula a pôr em paralelo com *usque hic CCC*, «até aqui trezentos», registada num tijolo em *Eburobritium* (ENCARNAÇÃO e MOREIRA, 2005: 134) e com o *diarias rogatas solvi*, «cumprí as diárias solicitadas», de um tijolo de quadrante de Conímbriga (ÉTIENNE *et alii*, 1976: nº 358a) – todas elas a dar conta de uma intensa actividade na produção de cerâmica.

- 23 - Nº Inv. 4684**, bordo de alguidar de cerâmica comum da forma 2, dm ind., fabrico C3, complexo 377.
Localização do grafito: Na parte superior do debrum.
Comentário paleográfico: Quatro riscos paralelos (de 1 a 1,3 cm).
Interpretação: Indicativo de lote – o nº 4??
- 24 - Nº Inv. 5438**, bordo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 18 cm, fabrico J2, complexo 660.
Localização do grafito: No bojo exterior, junto ao debrum.
Comentário paleográfico: Signo constituído por dois traços verticais paralelos (o maior com 3 cm), que partem mesmo do debrum e são cortados por três outros, na perpendicular.
Interpretação: Mais do que qualquer sinal alfabético, teremos uma marca, eventualmente de contagem.
- 25 - Nº Inv. 4686**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 2, dm 8 cm, fabrico K3, complexo 571.
Localização do grafito: Na parte exterior do fundo.
Leitura: D
Altura da letra: 2.
Comentário paleográfico: Em forma de delta grego minúsculo, foi gravado numa só vez, com estilete de ponta aguçada, antes da cozedura.
Interpretação: Marca de lote.
- 26 - Nº Inv. 2040 (Cap. 7. 1 – peça nº 41)**, fundo de taça campaniense, F 2324, produção B-óide, UE 3 da sondagem 1.
Localização do grafito: Na parte exterior da base, junto ao rebordo do pé.
Leitura: h
Altura da letra: 2,2; largura: 1,1.
Comentário paleográfico: Feita antes da cozedura, com estilete fino, em três movimentos. Forma rectilínea, em jeito de cadeirão, opção natural para não lascar.
Interpretação: Marca de propriedade ou de lote, eventualmente sem qualquer relação com a própria letra **h**.
- 27 - Nº Inv. 4691**, peso, complexo 783.
Localização do grafito: No topo superior.
Leitura: K ou pi grego.
Comentário paleográfico: Signo gravado profundamente, com estilete, antes da cozedura.
Interpretação: Se se ler no sentido do buraco, teremos um K (de 2 cm de altura), com os dois ‘braços’ em forma de V cujo vértice toca, ao de leve, a haste vertical. Mas também se poderia ler noutro sentido, perpendicular ao primeiro; e, assim, haveria lugar para se interpretar, menos verosimilmente (devido à demasiada extensão da, nesse caso, barra) como a letra grega pi. Em qualquer dos casos, é marca de propriedade, sem que se deva, necessariamente, atribuir-lhe uma conotação alfabética.

- 28 - Nº Inv. 4656**, bordo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm ind., fabrico J1, complexo 465.
Localização do grafito: Na parte externa.
Comentário paleográfico: Signo vagamente em forma de L muito largo, com um traço oblíquo a tocar-lhe perto do vértice. Gravado com estilete fino, à mão levantada, imediatamente antes da cozedura.
Interpretação: Identificativo de um determinado lote?
- 29 - Nº Inv. 4682**, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico K3, complexo 1057.
Localização do grafito: Na parte superior do bojo.
Leitura: M
Altura da letra: 1,1.
Comentário paleográfico: Gravado profundamente, antes da cozedura, com rasgo de 2 mm, por meio de estilete de ponta redonda, em dois movimentos, como se se tratasse de dois AA (sem travessão), um a seguir ao outro, sem que os vértices de dentro se toquem. Ligeiramente inclinado para diante – de características cursivas, portanto.
Interpretação: Identificará o proprietário ou o produtor.
- 30 - Nº Inv. 4668**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 6 cm, fabrico N1, polimento em bandas no exterior, complexo 663.
Localização do grafito: Na parte exterior da base, sobre um dos lados.
Leitura: M
Altura da letra: 1,5.
Comentário paleográfico: Gravado com estilete de ponta fina, em quatro movimentos de mão levantada, antes da cozedura. Muito largo.
Interpretação: Indicativo de lote ou inicial do proprietário desse lote.
- 31 - Nº Inv. 6183**, bordo de tigela de cerâmica comum, imitação da forma Morel 2650? De cerâmica campaniense, dm ind., fabrico T1, complexo 667.
Localização do grafito: Na parte superior do bojo, do lado externo, junto ao debrum.
Leitura: M
Altura da letra: 1 (?).
Comentário paleográfico: Gravado com estilete de ponta fina, antes da cozedura, em três movimentos (as duas hastes internas foram executadas duma só vez), resultando daí uma letra muito assimétrica.
Interpretação: Marca de posse ou de identificação de lote.
- 32 - Nº Inv. 2041 (Cap. 7. 1 – peça nº 42)**, fundo de taça campaniense. F 2324, produção B-óide, complexo 1084 -II.
Localização do grafito: Na parte exterior da base, junto ao rebordo do pé.
Leitura: M (?)
Altura das letras: 1,5.
Comentário paleográfico: A peça lascou precisamente ao nível da parte inferior do grafito, de modo que se torna difícil saber como terminaria. Não parece, porém, ser um O oblongo, com traço

vertical a meio; inclinamo-nos mais para uma forma cursiva de M, gravado com três movimentos descendentes. Feita com estilete, após a cozedura.

Interpretação: Trata-se, sem dúvida, de uma marca de posse ou produção.

33 - Nº Inv. 712, bordo de pote de cerâmica comum, dm 18 cm, fabrico 5a, complexo 964.

Localização do grafito: Na curvatura exterior do rebordo.

Leitura: N

Altura da letra: 0,5.

Comentário paleográfico: Muito lançado, gravado antes da cozedura, com estilete de ponta fina.

Interpretação: Pode ler-se N ou considerar-se um zigzague. Em todo o caso, uma marca identificativa.

34 - Nº Inv. 4681, fundo de pote de cerâmica comum da forma 1, dm 6,5cm, fabrico I2, complexo 895.

Localização do grafito: Na parte exterior.

Leitura: R

Altura das letras: 4.

Comentário paleográfico: Gravado com estilete fino, em dois movimentos, de mão levantada, resultando a parte arredondada numa espécie de S esguio invertido, sem que a parte média toque na haste vertical.

Interpretação: Identificará o proprietário.

35 - Nº Inv. 7506, bordo de tampa de cerâmica comum da forma 1b, dm 20 cm, fabrico J2 com acidente de cozedura, mancha negra irregular, Sector 1, UE [8].

Localização do grafito: Na parede exterior.

Leitura: R ou P

Comentário paleográfico: Parte superior (0,5 cm) de um R ou P, ligeiramente inclinado para diante, terminada em bico, gravada com estilete fino, antes da cozedura.

Interpretação: Seria, provavelmente, a inicial do nome do proprietário do lote.

36 - Nº Inv. 5599, bordo de tigela de cerâmica comum, imitação da forma Lamboglia 2 de cerâmica campaniense, dm 10 cm, fabrico T1, complexo 494.

Localização do grafito: Junto ao debrum.

Comentário paleográfico: Signo em forma de rectângulo a que falta o lado inferior. Poderia, por isso, interpretar-se como um pi; mas a forma quebrada como as hastes verticais se unem com a horizontal incita-nos, ao invés, a não dar ao signo – de 0,7 cm de altura – nenhum significado literal.

Interpretação: Identificará o proprietário do lote.

37 - Nº Inv. 4674, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico T1, complexo 107.

Localização do grafito: No bojo, em local indeterminado devido à exiguidade do fragmento.

Comentário paleográfico: Signo em forma de rectângulo ou de trapézio, gravado com estilete de ponta fina e à mão levantada, sem qualquer preocupação de rigor geométrico. Mede: 1,7 x 1,8.

Interpretação: Marca individualizante de lote ou do produtor.

- 38 - Nº Inv. 4413**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 6,5 cm, fabrico J2 com reforço G2 (nº 3, fig. 15), complexo 132.
Localização do grafito: Na parte exterior da base, dentro do círculo interno.
Comentário paleográfico: Torna-se difícil saber como orientar a peça, de forma a perceber-se que signos aí se gravaram, com estilete fino, de mão levantada e trémula, antes da cozedura. Se considerarmos a existência de um C – que parece plausível – teríamos antes um V deitado.
Interpretação: Hesitamos, porém, em considerar estes signos como letras, de forma que mais se não poderá adiantar que interpretá-las como identificativos de um lote.
- 39 - Nº Inv. 5484**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 2, dm 8 cm, fabrico G2, mancha negra pós-deposição, complexo 665.
Localização do grafito: Na parte exterior.
Comentário paleográfico: Motivo geométrico constituído pelo diâmetro do círculo interior da base, de 6,4 cm, cortado simetricamente por dois sectores circulares. Feito a estilete, de mão levantada, na pasta antes da cozedura.
Interpretação: A forma de H daí resultante não pode interpretar-se como letra. Tratar-se-á de mera decoração ou sinal identificativo de pertença a determinado lote de peças.
- 40 - Nº Inv. 4677**, fragmento de bojo de talha de cerâmica comum, fabrico C3, Sector 1, UE [1].
Localização do grafito: No colo.
Comentário paleográfico: Signo, levemente gravado, constituído por um segmento de 10 cm de comprimento, vertical, que termina numa espécie de elipses laterais (de 5 e 5,5 cm de comprimento), uma em cada ponta, opostas. Parece gravado, com dificuldade, após a cozedura.
Interpretação: Marca de propriedade?
- 41 - Nº Inv. 4653**, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico J1, complexo 1117.
Localização do grafito: Na parte exterior do bojo.
Comentário paleográfico: Traço ligeiramente encurvado, longo (4 cm), feito com estilete fino, imediatamente antes da cozedura. Fica-se sem saber se continuaria inferiormente, em jeito de S muito alongado.
Interpretação: Não parece ter qualquer significado, a não ser o de marca da peça ou do lote.
- 42 - Nº Inv. 3282**, bordo de tigela de cerâmica comum da forma 1a, dm 14 cm, fabrico J1, complexo 598.
Localização do grafito: Sensivelmente a meio do bojo, do lado externo, imediatamente abaixo das bandas que a decorariam em toda a volta.
Comentário paleográfico: O traço é muito fino e a fractura impede-nos de ter certezas. A hipótese de se ler A (feito com dois movimentos, o que provocaria o seu jeito de lambda) não é despienda, até pelo espaço que dista da letra seguinte. Nesta, a lasca que se soltou da metade inferior da haste vertical bem lançada (c = 1,7 cm) induzir-nos-ia a ver, no corte superior, a barra de um eventual H.
Interpretação: Como é habitual nestes casos, independentemente de não termos certezas quanto à leitura, a possibilidade de estarmos perante uma marca de posse ou produção não é desprovida de senso.

- 43 - Nº Inv. 4670**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 6 cm, fabrico T1, complexo 963.
- Localização do grafito:** Na superfície externa do pé.
- Comentário paleográfico:** Riscos feitos com estilete fino, verosimilmente antes da cozedura, não sendo possível atribuir-lhes um significado literal. Ou seja, vê-se um X, a que se acopla, paralelo, um traço do seu lado esquerdo e um outro ao lado da haste da direita.
- Interpretação:** Sinalefas (certamente) identificativas de lote.
- 44 - Nº Inv. 7990**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 6 cm, fabrico T1, complexo 360.
- Localização do grafito:** Na face exterior da base e no interior do pé.
- Comentário paleográfico:** Signo em forma de X muito assimétrico, incompleto devido à fractura (1 cm de altura), feito com estilete, antes da cozedura.
- Interpretação:** Signo não-alfabético, identificativo da peça ou do lote a que pertence.
- 45 - Nº Inv. 5269**, fundo de pote de cerâmica comum da forma 3, dm 5,5 cm, fabrico S2, mancha negra exterior, talvez da cozedura, alisamento em linhas irregulares, complexo 521.
- Localização do grafito:** Na base, do lado de fora.
- Comentário paleográfico:** Traço gravado com estilete antes da cozedura, desconhecendo-se (por termos apenas um fragmento) o que seria na totalidade, embora se não afaste a hipótese de ser um dos braços de elemento cruciforme.
- Interpretação:** Identificará o proprietário, o produtor ou a pertença a determinado lote.
- 46 - Nº Inv. 5123 e 5124**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 2, dm 7 cm, fabrico H2, complexo 597.
- Localização do grafito:** Do lado de fora. O vértice assinalaria, aproximadamente, o centro da base circular.
- Leitura:** V
- Altura da letra:** 2,5 cm.
- Comentário paleográfico:** Gravado com estilete de ponta larga (sulco de 2 mm) antes da cozedura, sem que os dois braços se toquem no vértice.
- Interpretação:** Identificará o proprietário, o produtor ou a pertença a determinado lote.
- 47 - Nº Inv. 5832**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 7 cm, fabrico M2, complexo 376.
- Localização do grafito:** Na parte exterior.
- Comentário paleográfico:** Signo em forma de árvore estilizada: dum 'tronco' central, cortado, na parte inferior, por duas linhas paralelas, saem dois 'ramos' do lado esquerdo e um do lado direito. Altura: 4,2 cm.
- Interpretação:** Identificação do lote.
- 48 - Nº Inv. 4675**, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico I2, complexo 996.
- Localização do grafito:** Na parte exterior.

Comentário paleográfico: Signo em forma de folha de teixo, cuidadosamente gravado, com estilete de ponta fina, antes da cozedura. 9 'braços' à direita; resto de 7 à esquerda. Altura: 3,3 cm.
Interpretação: Identificação de produtor ou de lote.

49 - Nº Inv. 4666, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico H2, Sector (?), UE [8].

Localização do grafito: No bojo.

Comentário paleográfico: Signo de três segmentos de recta que se cruzam, a formar uma espécie de feixe. Feito a estilete, de mão levantada, na pasta antes da cozedura. O maior mede 5,7, o menor 5.

Interpretação: Mera decoração ou sinal identificativo de pertença a determinado lote de peças.

50 - Nº Inv. 6804, bordo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 25 cm, fabrico I2, superfícies escurecidas, polimento irregular, em bandas no interior, com brilho no exterior, complexo 633.

Localização do grafito: Do lado de fora, junto à base.

Comentário paleográfico: Dois traços gravados com estilete de ponta aguçada, antes da cozedura, de 2,7 o vertical e 2 cm o transversal, ligeiramente curvo para baixo e incompleto, que serão braços de elemento cruciforme.

Interpretação: Identificará o proprietário, o produtor ou a pertença a determinado lote.

51 - Nº Inv. 5834, bordo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm irregular, aprox. 18 cm, fabrico J1, exterior e interior escurecido, complexo 648.

Localização do grafito: Quase junto ao debrum.

Comentário paleográfico: Signo cruciforme (2,3 x 1,5), feito com ponta fina e ao de leve, verosimilmente após a cozedura.

Interpretação: Identificativo de lote?

52 - Nº Inv. 4649, fundo de pote de cerâmica comum da forma 3, dm 13 cm, fabrico M3, complexo 964.

Localização do grafito: Na face exterior.

Comentário paleográfico: Signo cruciforme, constituído certamente por dois diâmetros, de que não temos a totalidade (comp. do maior = 7,5). Gravado com certa profundidade, com estilete de ponta afiada.

Interpretação: Signo do lote.

53 - Nº Inv. 4659, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 5,5 cm, fabrico S2, Sector 1, UE [8].

Localização do grafito: Na parte exterior.

Comentário paleográfico: Signo cruciforme, formado por dois diâmetros, de que um termina em jeito de ponta de seta. Feito com estilete fino, antes da cozedura. Comprimento do maior: 4,7.

Interpretação: Signo de lote.

54 - Nº Inv. 6637, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 6,5 cm, fabrico T1, complexo 598.

Localização do grafito: Na parte exterior da base e no interior do pé.

Comentário paleográfico: Signo em forma de cruz, descentrada, de que apenas temos completo um dos braços, de 3,8 cm. Gravado com estilete fino, antes da cozedura.

Interpretação: Signo identificativo do produtor, do proprietário ou do lote a que a peça pertencia.

55 - Nº Inv. 4951, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 2, dm 6,5 cm, fabrico J2 com reforço G2 (nº 2, fig. 15), complexo 783.

Localização do grafito: Na parte exterior da base.

Comentário paleográfico: Signo cruciforme (de aproximadamente 4 cm de comprimento), acusando alguma hesitação de traçado num dos braços. Gravado com estilete fino, à mão levantada, antes da cozedura.

Interpretação: Sinal de pertença a determinado lote.

56 - Nº Inv. 4667, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 6,5cm, fabrico K2, mancha negra, talvez da cozedura, complexo 1101.

Localização do grafito: Na face exterior da base e no interior do pé.

Comentário paleográfico: Signo em forma de X muito largo (comp. dos braços = 2,7), feito com estilete, antes da cozedura. Uma das pontas tem breve traço perpendicular.

Interpretação: Signo não-alfabético, identificativo da peça ou do lote a que pertence.

57 - Nº Inv. 4652, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 2, dm 6,5 cm, fabrico S2 com reforço H2 (nº 5, fig. 15), complexo 404.

Localização do grafito: Na parte exterior.

Leitura: X

Comentário paleográfico: Gravado com estilete de ponta fina, à mão levantada, funcionando como dois diâmetros secantes da base circular. Mede cada braço 6 cm. Na ponta de um, um pequeno traço na perpendicular.

Interpretação: Mais do que uma letra, é signo de lote ou marca do seu proprietário.

58 - Nº Inv. 4650, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 2, dm 6,5 cm, fabrico I2, complexo 537.

Localização do grafito: Na parte exterior.

Comentário paleográfico: Dois diâmetros, de 6 cm, que se cruzam perpendicularmente. Gravados com estilete fino, à mão levantada, antes da cozedura.

Interpretação: Sinal de pertença a determinado lote.

59 - Nº Inv. 3836, fundo de pote (?) de cerâmica comum da forma 1, dm 8,5 cm, fabrico N2, complexo 1116.

Localização do grafito: Na base, do lado de fora.

Comentário paleográfico: Dois traços, incompletos, gravados levemente com estilete de ponta larga (sulco de 2 mm) antes da cozedura, de 2,5 e 1,2 cm, que serão braços de elemento cruciforme.

Interpretação: Identificará o proprietário, o produtor ou a pertença a determinado lote.

- 60 - Nº Inv. 5643**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 2, dm 6 cm, fabrico J1, complexo 537.
Localização do grafito: Na parte exterior.
Comentário paleográfico: Do elemento, verosimilmente cruciforme, gravado com ponta fina, resta apenas a porção de um dos braços, tendo a fractura perpendicular seguido o 'corte' do outro (2 cm). Muito provavelmente, não atingiria o bordo.
- 61 - Nº Inv. 4658**, fundo de tigela de cerâmica comum da forma 1, dm 7,5 cm, fabrico S2, complexo 661.
Localização do grafito: Na face exterior.
Comentário paleográfico: Signo em forma de X, muito esguio, descentrado, de cujos braços não temos a totalidade (comp. do maior = 4,2). Gravado com pouca profundidade, com estilete de ponta afiada.
Interpretação: Signo do lote.
- 62 - Nº Inv. 4773**, peso de tear da forma 1b, fabrico M2, complexo 821.
Localização do grafito: No topo superior.
Comentário paleográfico: Uma cruz formada pelas medianas do rectângulo que constitui esse topo. Gravado com estilete de ponta romba, primeiro no sentido transversal (4 cm) e, depois, no longitudinal (5 cm), de mão levantada.
Interpretação: Identificará o proprietário, o produtor ou a pertença a determinado lote.
- 63 - Nº Inv. 5835**, fragmento de bojo de pote de cerâmica comum, fabrico T1, complexo 638.
Localização do grafito: Na parte exterior.
Comentário paleográfico: Traços indiferenciados, dos quais apenas um parece mais intencional, gravado com estilete de ponta larga, assinalando a possível haste de um N, se atendermos ao traço oblíquo que se lhe segue.
Interpretação: Nada se poderá adiantar.
- 64 – Nº Inv. 228 (Cap. 7. 3 – peça nº 90)**, fragmento de peça em cerâmica de paredes finas do tipo Mayet VIII C, de produção bética (zona de Cádiz), datável de meados a finais do séc. I a. C. (complexo 996)
Localização do grafito: Na parte externa do pé, na coroa circular que os debruns formam.
Leitura: XV
Comentário paleográfico: Caracteres cursivos.
Interpretação: Poderá indicar o lote nº 15, pois se nos afigura pouco provável – embora possível – uma numeração individual das peças.
- 65 – Nº Inv. 77 (Cap. 7. 3 – peça nº 91)**, fragmento de peça em cerâmica de paredes finas do tipo Mayet VIII C, de produção bética (zona de Cádiz), datável de meados a finais do séc. I a. C. (complexo 366)
Localização dos grafitos: 1º) Na parte externa do pé, no círculo interior. 2º) Na coroa circular.
Leitura: 1º) Signo em forma de sigma – – ou de G. 2º) E ?
Comentário paleográfico: 1º) Cursivo, gravado duma só vez. 2º) Traço levemente oblíquo, cortado por três barras, a dar-lhe essa configuração de E.
Interpretação: Poderá ser marca do destinatário do lote.

- 66 – Nº Inv. 226 (Cap. 7. 3 – peça nº 93)**, fragmento de peça em cerâmica de paredes finas do tipo Mayet VIII C, de produção bética (zona de Cádiz), datável de meados a finais do séc. I a. C. (complexo 664)
Localização do grafito: Na parte externa do pé.
Leitura: E?
Comentário paleográfico: Signo muito semelhante ao do nº 65, mas de barras desiguais (as duas inferiores mais breves e paralelas).
Interpretação: Poderá, inclusive, ter o mesmo significado que a marca do nº 65.
- 67 – Nº Inv. 448 (Cap. 7. 5 – peça nº 52)**, bojo/arranque de asa de ânfora do tipo Haltern 70, produção bética (Guadalquivir), datável de meados do século I a. C. / Augusto (complexo 392).
Comentário paleográfico: Traço vertical cortado, sensivelmente a meio, por um outro, perpendicular.
Interpretação: Não parece susceptível de qualquer significado específico.
- 68 – Nº Inv. 568 (Cap. 7. 5 – peça nº 53)**, parte inferior do bojo / início do bico fundeiro de ânfora do tipo Haltern 70, produção bética (Guadalquivir), datável de meados do século I a. C. / Augusto (complexo 539).
Leitura: X ?
Comentário paleográfico: Dois traços em jeito de X assimétrico (parte inferior mais longa).
Interpretação: Simples «apontamento» de verificação, decerto.
- 69 – Nº Inv. 569 (Cap. 7. 5 – peça nº 54)**, parte inferior do bojo / início do bico fundeiro de ânfora do tipo Haltern 70, produção bética (Guadalquivir), datável de meados do século I a. C. / Augusto (complexo 345).
Comentário paleográfico: Dois traços paralelos.
Interpretação: Insusceptíveis de se lhes atribuir significado plausível.
- 70 – Nº Inv. 666 (Cap. 7. 5 – peça nº 55)**, bico fundeiro de ânfora do tipo Haltern 70, produção bética (Guadalquivir), datável de meados do século I a. C. / Augusto (complexo 914).
Leitura: I ?
Comentário paleográfico e interpretação: Traço vertical, que, apesar de poder ler-se I (dígito ou signo alfabético), não deve passar de singelo «apontamento» de verificação.
- 71 – Nº Inv. 667 (Cap. 7. 5 – peça nº 56)**, bico fundeiro de ânfora do tipo Haltern 70, produção bética (Guadalquivir), datável de meados do século I a. C. / Augusto (complexo s/ref.).
Leitura: VV
Comentário paleográfico: Grafados em dois movimentos de mão.
Interpretação: Singelo «apontamento» de verificação, decerto.

3. TÓPICOS PARA UMA INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Uma grande maioria dos grafitos identificados parece obedecer a uma finalidade concreta: identificar, na altura de ir para o forno, os diferentes lotes de cerâmica, mediante signos que assumem, por vezes, a forma de letras, passíveis de serem interpretadas como as siglas do nome do proprietário desse lote.

Nesse sentido, sempre que surgem duas ou três letras, pensamos na probabilidade de sob elas se esconderem os *duo nomina* (sem o *cognomen*, que não seria ainda muito corrente na época a que remonta esta cerâmica) ou os *tria nomina*, sem que, obviamente, por não estarmos dentro do contexto, nos seja possível garantir quais os nomes aí latentes – n^{os} 5, 2 e 10, por exemplo. Acentue-se que estamos perante uma actividade de fabrico, em que qualquer sinalefa é o bastante para individualizar um lote.

Preferimos a referência ao ‘lote’ do que ao proprietário de cada vaso singular. Em primeiro lugar, porque se nos afigura pouco viável que – tratando-se de uma cerâmica que não é fina – houvesse qualquer preocupação em a marcar. Pensamos que as marcações existentes se referem aos vasos que assinalavam o começo de determinado lote, como ainda hoje acontece nos fornos comunitários das aldeias, onde se distingue o primeiro pão da fornada de Sicrana e o primeiro da de Beltrana.

Há, porém, grafitos cuja beleza formal particularmente chama a atenção, denotando um certo cuidado – e até gosto – na sua execução. Refira-se o n^o 14.

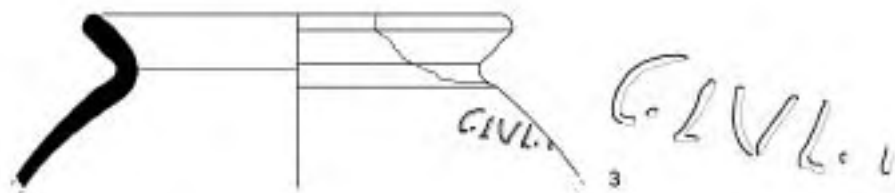
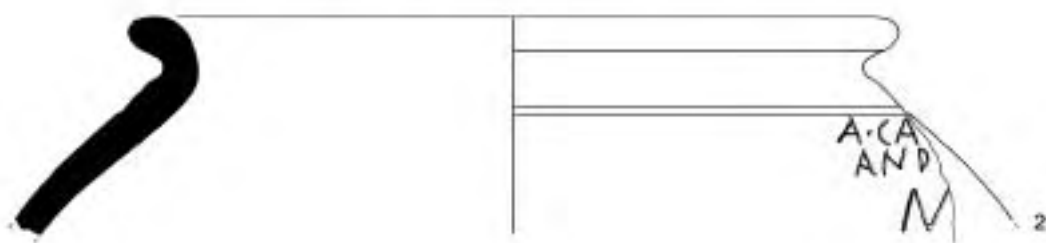
Particularmente aliciante, até do ponto de vista cronológico, se revelou o n^o 1, onde – apesar de todo o carácter hipotético da interpretação, inclusive porque o normal é, neste caso, o genitivo vir depois da indicação *ex officina* – sugerimos a possibilidade de termos aí atestados dois nomes invulgares na epigrafia peninsular – o *praenomen Ancus* e o gentílico *Tucius*. Os dois fragmentos n^{os} 3 e 4 onde se registam, com toda a probabilidade, *Caii Iulii*, constituem, igualmente, dados significativos, atendendo, como se disse, à onomástica, claramente decalcada da cesariana.

Num outro registo, o económico, o grafito patente no fragmento n^o 22, se a nossa interpretação está correcta, detém, por seu turno, um lugar não despidendo no concernente à epigrafia dos grafitos em território lusitano, dadas as ilações e comparações que permite, a nível da produção. É mesmo, diríamos, um olhar indiscreto sobre o dia-a-dia dos operários ceramistas da época.

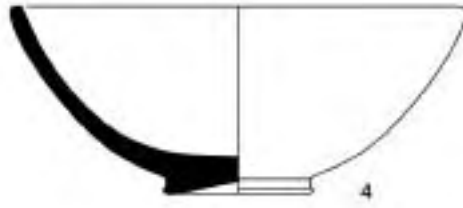
Para identificar os lotes os elementos cruciformes são, seguramente, os mais correntes, porque também os mais simples de fazer. Um destaque especial devem merecer-nos, porém, os dois fragmentos em que surgem motivos vegetalistas: o n^o 48 com uma folha de teixo, planta ‘da imortalidade’ entre os indígenas peninsulares, designadamente os Ástures (FRANCISCO MARTÍN e GONZÁLEZ HERRERO, 2004: 191-198); e o n^o 47, em que há uma folha estilizada.

Dir-se-á, depois desta panorâmica, que é um conjunto pobre do ponto de vista da sua utilidade como fonte histórica, como índice de instantâneos de um quotidiano vivido. É verdade. Mas outra coisa não seria de esperar, pois estamos num sítio, onde se vive, é certo, mas onde a vida não terá tanta diversidade, tantos aliciantes, tantos *faits divers* a suscitarem... coscuilhice, como numa cidade. E veja-se, por outro lado, que também Conímbriga – pelo menos, até ao momento – desses grafitos ‘picantes’ nos deu apenas três ou quatro. E era uma cidade!...

Grafitos



Estampa CXLVII - Grafitos (1:3)



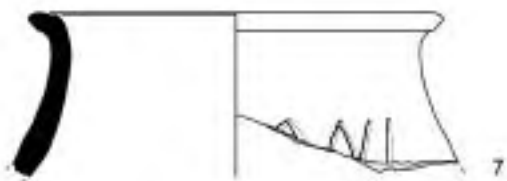
HABRO



TCW

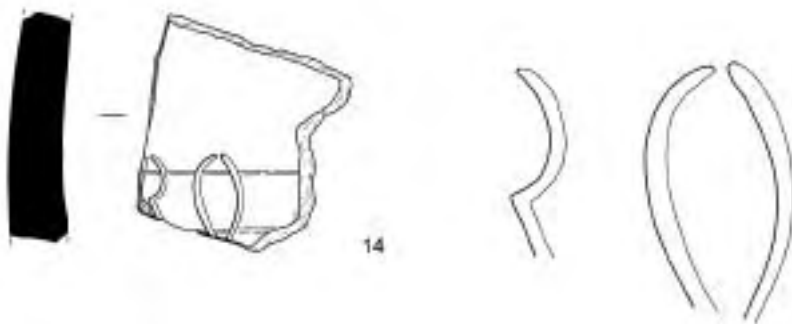
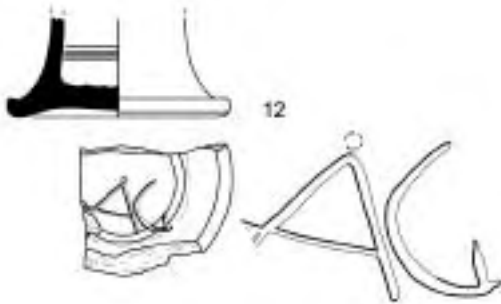
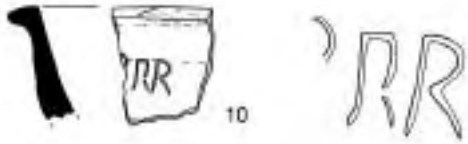


NI

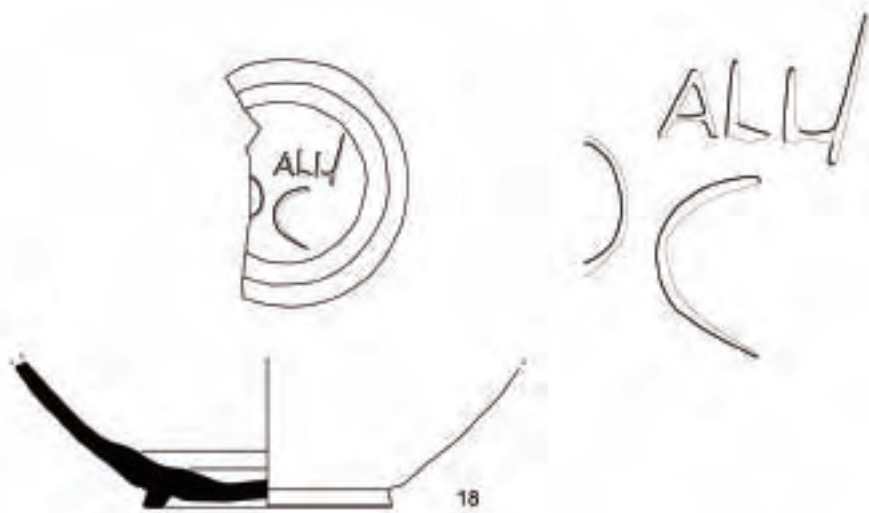
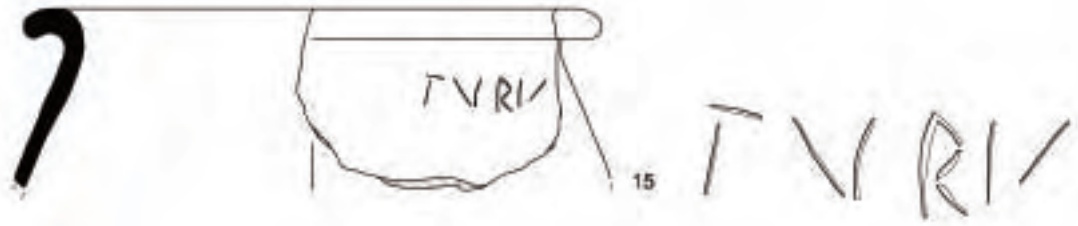


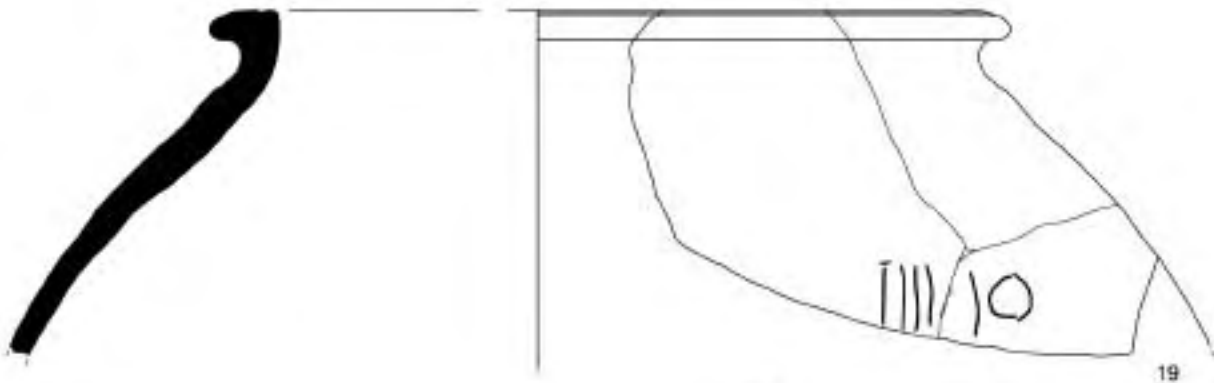
NI

Estampa CXLVIII - Grafitos (1:3)

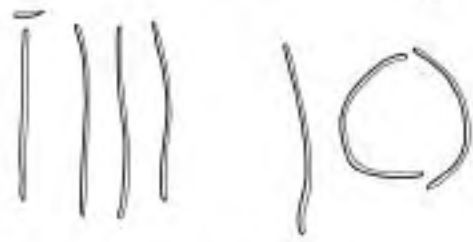


Estampa CXLIX - Grafitos (1:3)



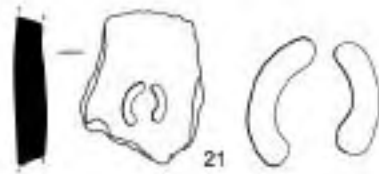


19

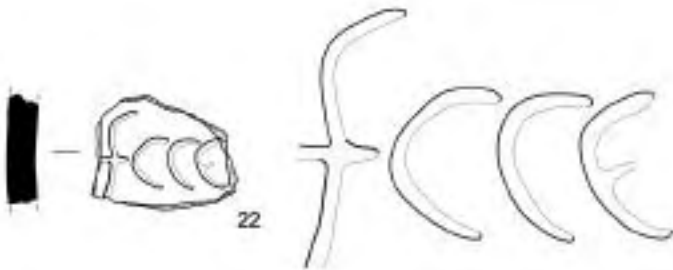


20

λ ι τ ι



21



22

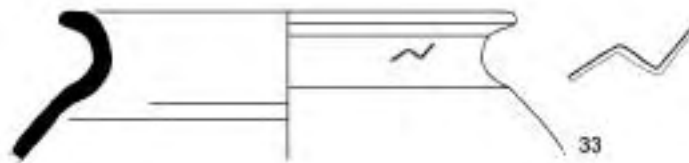
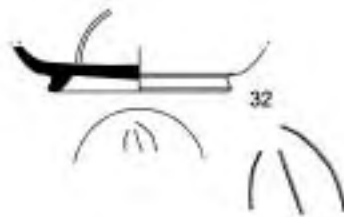
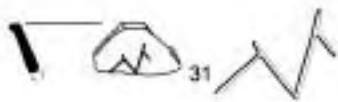
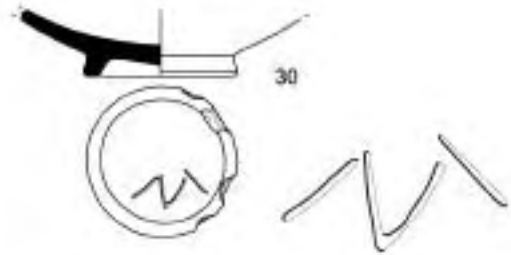
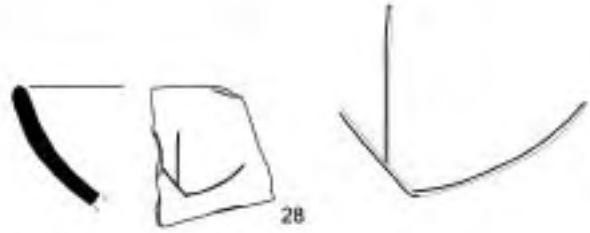
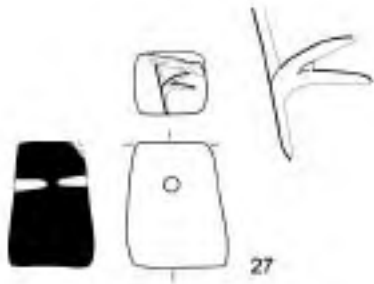
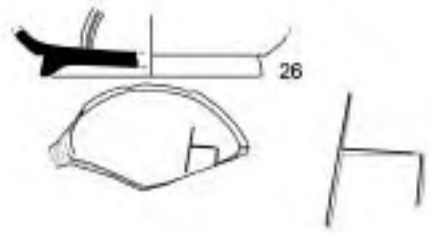
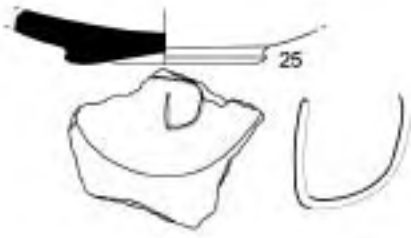


24

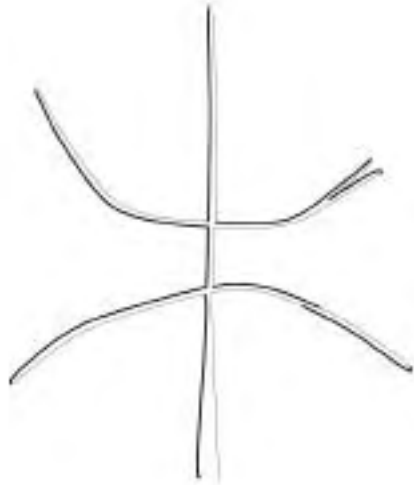
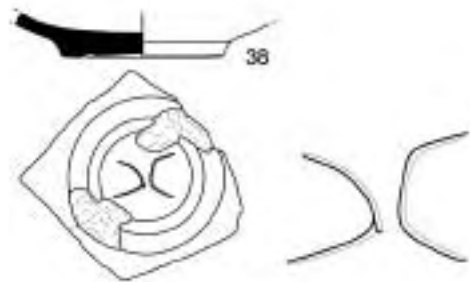
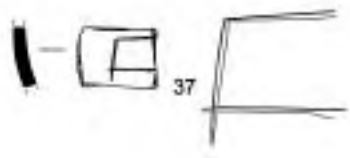
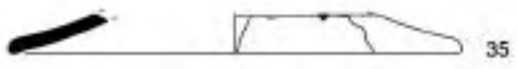
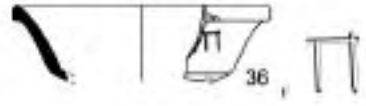
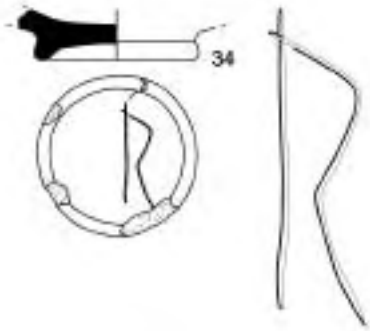


23

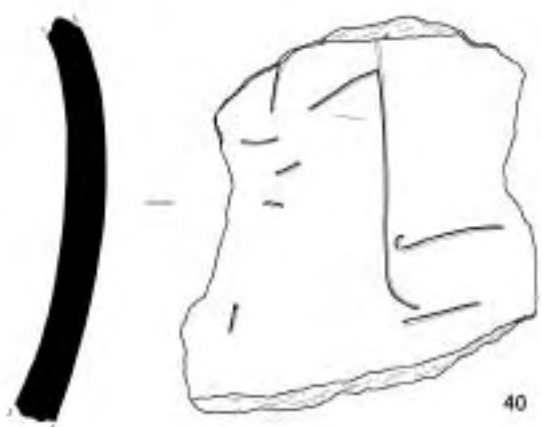
Estampa CLI - Grafitos (1:3)



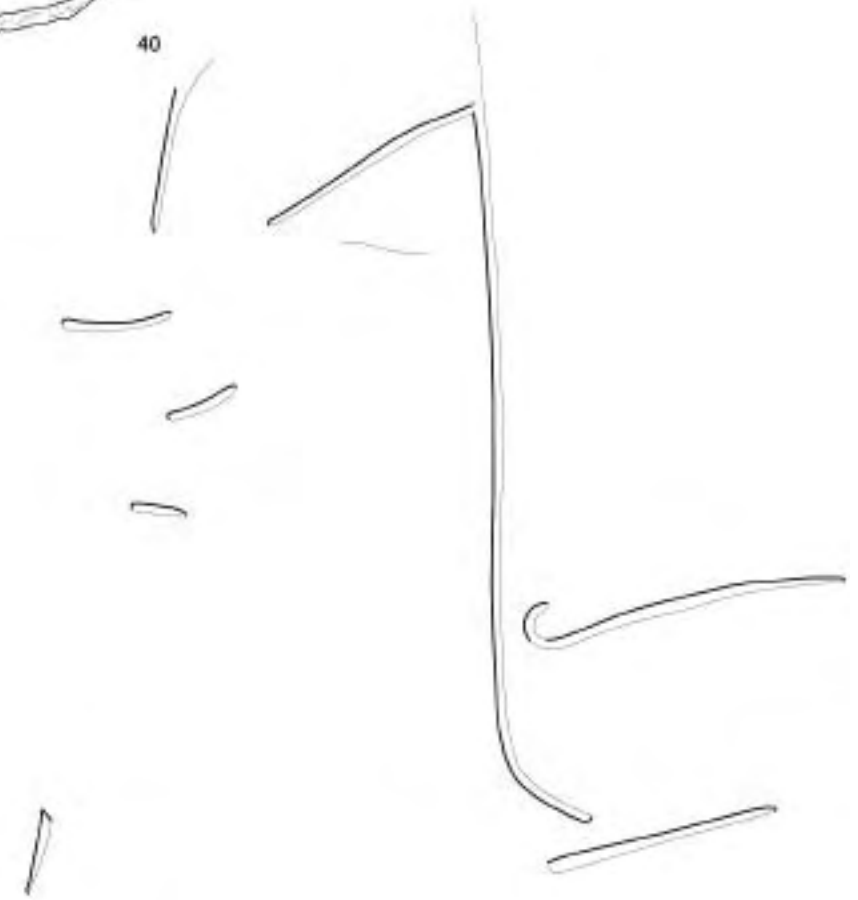
Estampa CLII - Grafitos (1:3)



Estampa CLIII - Grafitos (1:3)

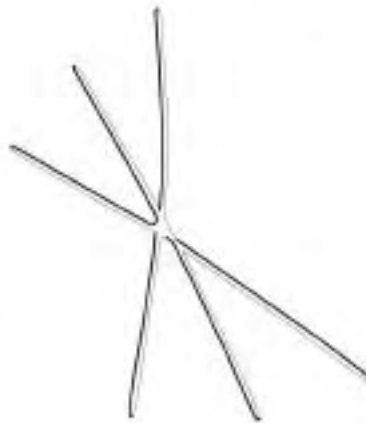
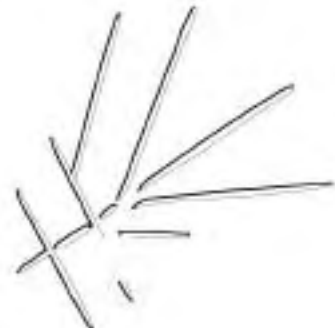
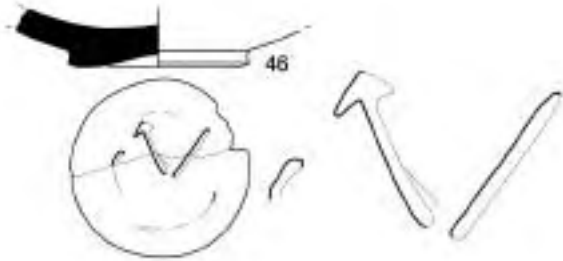
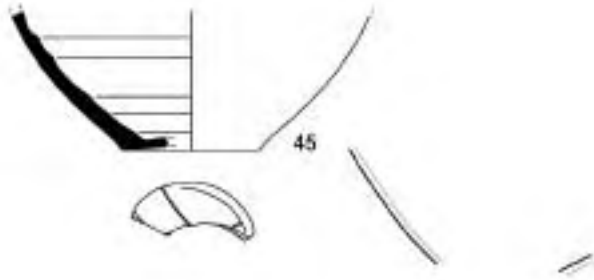
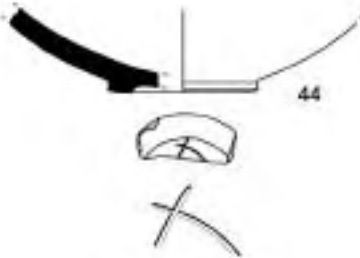
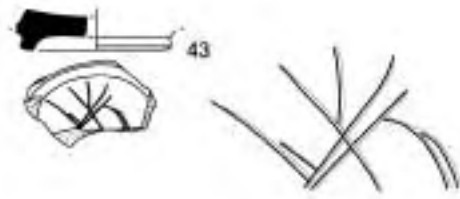
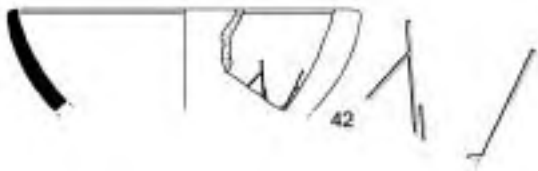


40

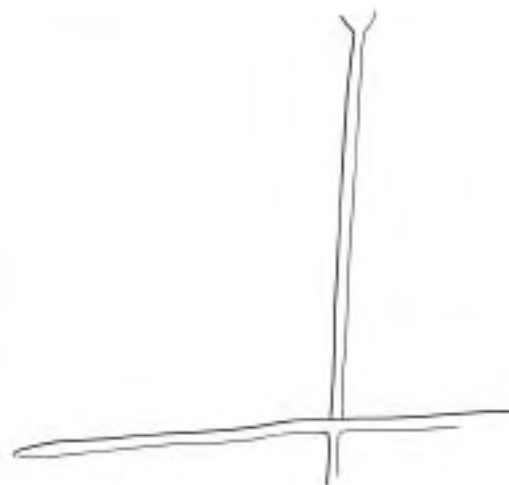


41

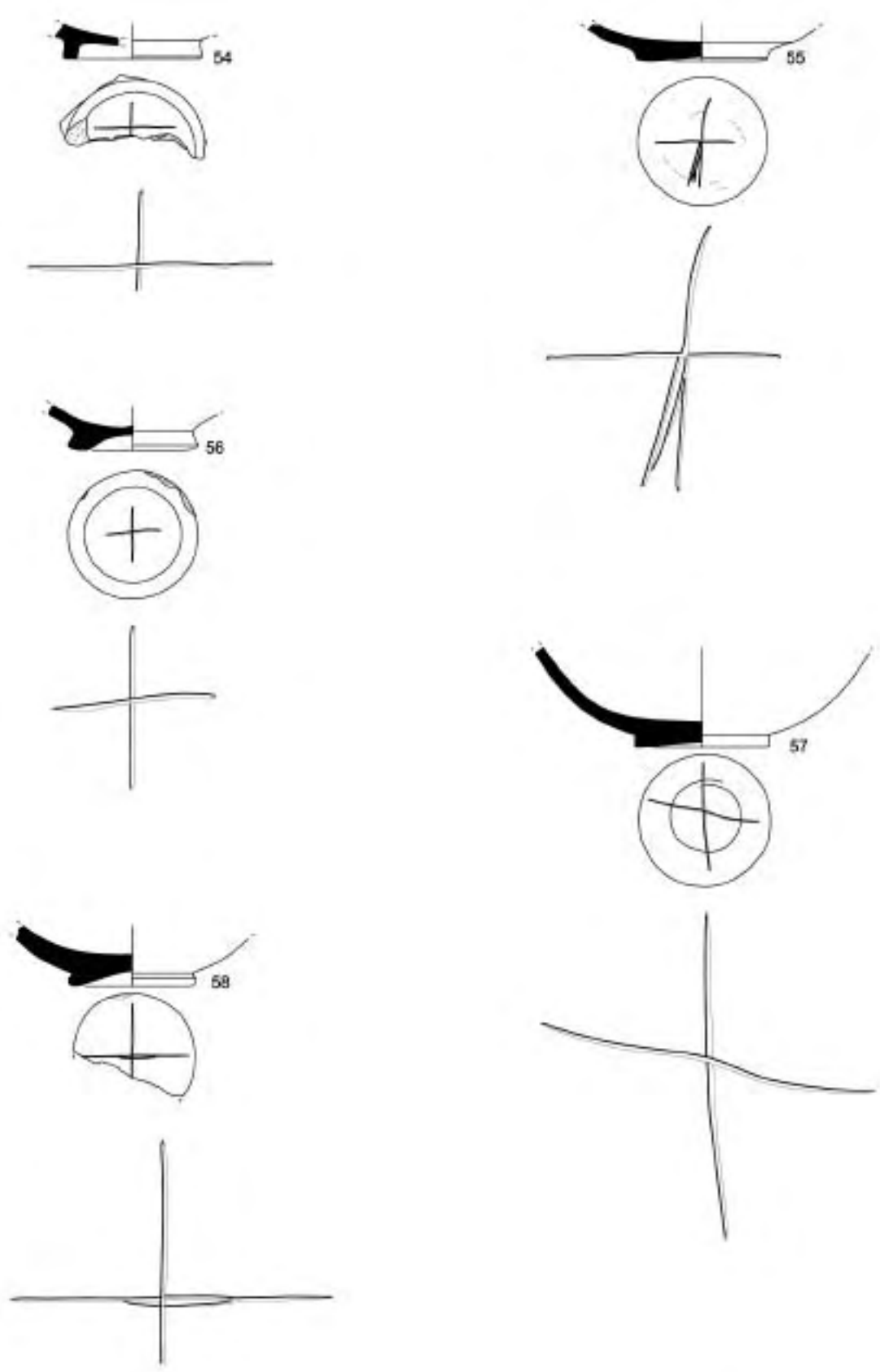
Estampa CLIV - Grafitos (1:3)



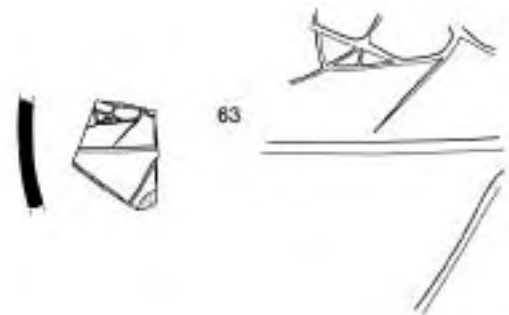
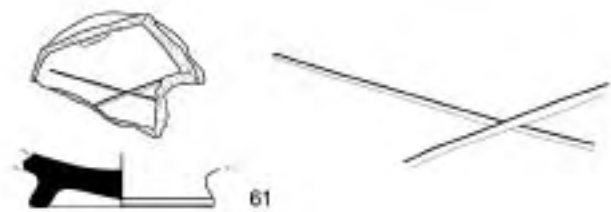
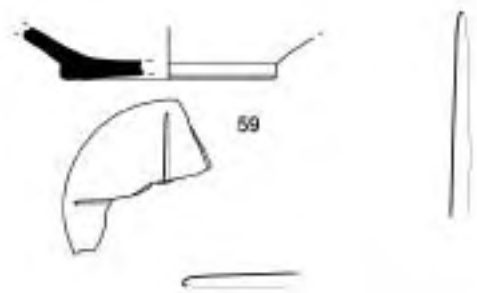
Estampa CLV - Grafitos (1:3)



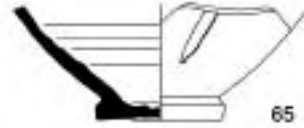
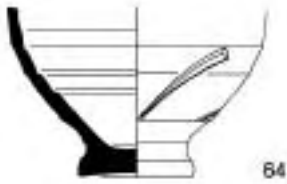
Estampa CLVI - Grafitos (1:3)

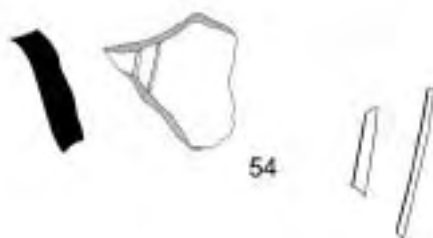
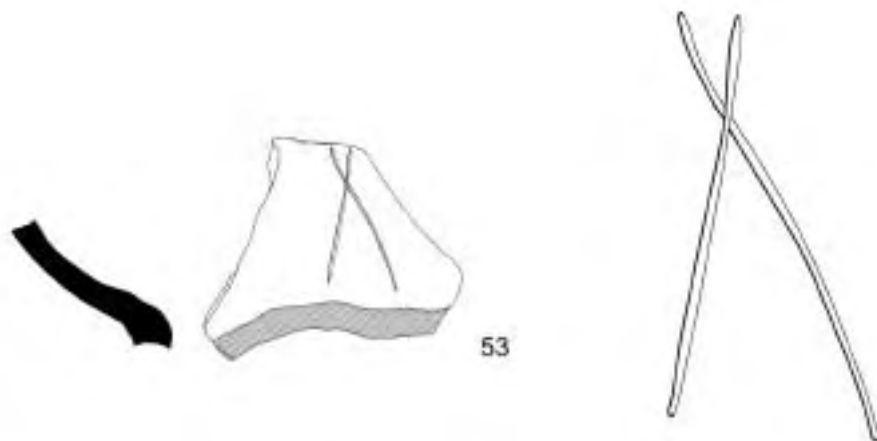
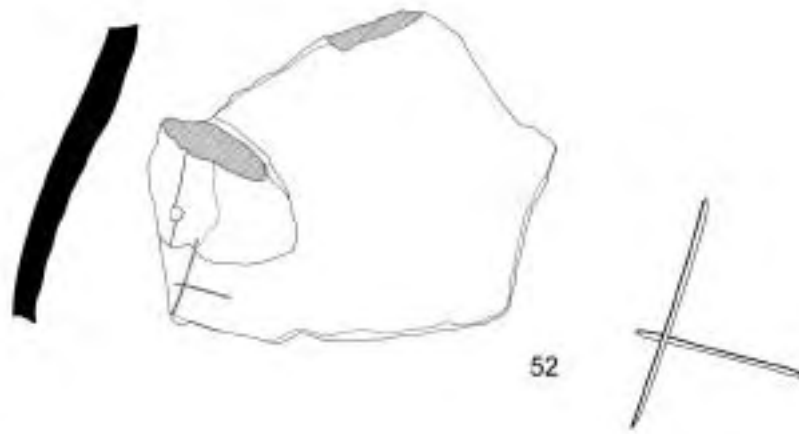


Estampa CLVII - Grafitos (1:3)



Estampa CLVIII - Grafitos (1:3)





Estampa CLX - Grafitos - Ânforas (1:3)

Índice

- 11 Prefácio
HENRIQUE TRONCHO
- 13 Apresentação
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 15 Localização
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 19 Enquadramento, objectivos e metodologia
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 27 História das escavações e da interpretação do monumento
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 37 A Arquitectura do Castelo da Lousa
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 65 Estratigrafia, estruturas e materiais
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 111 Cerâmica Campaniense
LUÍS LUÍS
- 139 Terra Sigillata de tipo itálico
PEDRO C. CARVALHO e RUI MORAIS
- 153 Cerâmica de paredes finas
RUI MORAIS
- 173 Lucernas
RUI MORAIS
- 181 Ânforas
RUI MORAIS
- 219 Cerâmica Comum
INÊS VAZ PINTO e ANNE SCHMITT

- 445 Grafitos
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
- 477 Vidros
PEDRO C. CARVALHO
- 481 Espólio Metálico
JOSÉ RUIVO
- 519 Materiais Líticos
PAULO MARQUES
- 523 Geoarqueologia
DIEGO E. ANGELUCCI
- 549 Arqueozoologia
PRISCILLA LANGE
- 589 Escavação e Estudo Antropológico dos Indivíduos Exumados
A. L. SANTOS, P. TAVARES e A. GONÇALVES
- 601 Bibliografia Geral
- 625 Resumos

ANEXOS (CD – ROM)

Anexo I: Desenhos 1 a 32

Anexo II: Figuras I a X (referentes ao Capítulo 7.6)

Anexo III: Tabelas de listagem de Complexos e Unidades Estratigráficas